

CUIDADOS PALIATIVOS E ATIVIDADE SIGNIFICATIVA NA TERMINALIDADE DA VIDA: UM RELATO DE CASO

CRISTHIANE WITTE NUNES¹; CASSANDRA DA SILVA FONSECA²; ISABELLA MACIEL HEEMANN³; JÚLIA TRAUTMANN BANDEIRA⁴; CAMILLA OLEIRO DA COSTA⁵;

¹Terapeuta Ocupacional Residente em atenção à saúde oncológica da Universidade Federal de Pelotas – criswnunes@hotmail.com

²Terapeuta Ocupacional Residente em atenção à saúde oncológica da Universidade Federal de Pelotas – cassandrasilvafonseca@gmail.com

³Psicóloga Residente em atenção à saúde oncológica da Universidade Federal de Pelotas – isabella.heemann@gmail.com

⁴Terapeuta Ocupacional Residente em atenção à saúde oncológica da Universidade Federal de Pelotas – juliatband@gmail.com

⁵Professora adjunta do curso de Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Pelotas – camillaoleiro@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

Os Cuidados Paliativos emergem do amor à vida até o momento da morte, sendo parte de uma filosofia que promove a vida e encara a morte como um processo natural, sem influenciar o tempo de sua ocorrência (FIGUEIREDO, 2006). A Organização Mundial de Saúde (OMS, 2002) define Cuidados Paliativos como um tratamento ou abordagem que visa melhorar a qualidade de vida de pacientes e familiares, cuja doença não responde mais a tratamentos curativos, através da prevenção e alívio do sofrimento, tratamento da dor e/ou outros problemas psicológicos, físicos, sociais e espirituais.

Para assegurar a qualidade de vida, dignidade humana, bem-estar e conforto, os cuidados paliativos devem ser centrados no indivíduo, visando a valorização das necessidades do paciente (OMS, 2014). Realizar tais cuidados em domicílio favorece o paciente em relação à comodidade, segurança, conservação da autonomia e emponderamento de seus desejos, ainda que em um momento delicado (VASCONCELOS; PEREIRA, 2018). Visto a demanda existente de pacientes em cuidados paliativos na cidade de Pelotas, a Fundação de Apoio Universitário implementou o Programa de Internação Domiciliar Interdisciplinar (PIDI) em Abril de 2005.

É através de uma equipe interdisciplinar que os cuidados paliativos são proporcionados de maneira mais efetiva, podendo ser estes profissionais: médico, enfermeiro, terapeuta ocupacional, psicólogo, nutricionista, capelão, entre outros (SBGG, 2015). De acordo com Vasconcelos e Pereira (2018), é de responsabilidade da equipe o acolhimento ao paciente e seus familiares, bem como orientar, assistir e amparar os mesmos ao longo de todo o processo paliativo, desde o diagnóstico até o enfrentamento do luto.

O papel do Terapeuta Ocupacional nos cuidados paliativos está relacionado com a habilidade de enxergar cada paciente como um ser individual, mediante observação, escuta e trabalho com cada paciente, assegurando melhor qualidade de vida, manutenção da autoestima, valorização da autonomia e de seus desejos e vontades para melhor enfrentamento da doença (OTHERO, 2012; FARIA; DE CARLO, 2015). Pacientes e terapeutas ocupacionais devem, juntos, avaliar quais atividades são necessárias e possíveis dentro das capacidades do paciente, e que dão sentido à vida, possibilitando o desempenho de seus papéis ocupacionais (COOPER, 2006).

2. METODOLOGIA

Trata-se de um relato de caso retrospectivo feito a partir de informações provenientes da revisão de prontuário onde, além de evoluções das condutas da equipe, foram registradas entrevistas realizadas com o paciente e seus familiares.

Além disso, foi realizado registro fotográfico de uma das atividades realizadas com o paciente, familiares e equipe do Programa de Internação Domiciliar Interdisciplinar (PIDI) e revisão da literatura.

O paciente S.H.S.A foi acompanhado pela residente terapeuta ocupacional através da equipe do PIDI, como cenário da residência multiprofissional em atenção à saúde oncológica de Maio à Junho de 2019. As visitas domiciliares ao paciente ocorreram diariamente até a data em que o mesmo veio a óbito.

A atividade de pescaria foi realizada advinda do desejo manifestado pelo paciente do PIDI, diagnosticado com câncer primário de pâncreas. O paciente tinha 56 anos e ficou internado com a equipe durante 1 mês e 15 dias. A realização da atividade foi proposta pela médica da equipe, os demais profissionais que atuam no PIDI, bem como a residente terapeuta ocupacional, compreenderam a necessidade e importância da pescaria para o paciente em terminalidade de vida e seus familiares, acatando, então, o desejo do mesmo e auxiliando para a elaboração de tal acontecimento. A família do paciente foi questionada sobre a possibilidade da atividade ocorrer, os mesmos aceitaram participar. A atividade de pescaria ocorreu em uma fazenda no município vizinho de Capão do Leão.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Relato de caso

Paciente S.H.S.A, do sexo masculino, 55 anos, com diagnóstico de Neoplasia maligna do pâncreas em cuidados paliativos, vinculado ao Programa de Internação Domiciliar Interdisciplinar (PIDI) no dia 10 de Maio de 2019. Paciente referiu à médica da equipe do PIDI que o acompanhava, o desejo de pescar. Mediante avaliações de controle de sintomas nas quatro dimensões preconizadas em cuidados paliativos (física, psicológica, espiritual e social), percebeu-se a importância da realização da pescaria para o paciente e seus familiares.

Com o auxílio da Capelania Hospitalar da Igreja Evangélica Luterana do Brasil, que realiza trabalho voluntário no Hospital Escola da Universidade Federal de Pelotas, foi possível fazer desta vontade um acontecimento. No dia 05/06/2019, o paciente S.H.S.A e seus familiares foram levados de surpresa até uma fazenda no município vizinho de Capão do Leão, com a participação da equipe composta por uma médica, uma enfermeira, um técnico de enfermagem, residentes da Terapia Ocupacional e da Psicologia (ambas da área de atenção à saúde oncológica), mais o motorista do carro da equipe. Após o passeio realizado, o paciente expressou o significado de tal atividade para ele, conforme vê-se a seguir:

Olha, ter tentado pescar foi uma maravilha. Tentado, né?! Mas o mais importante de tudo não foi a tentativa da pescaria; foi o momento que me deu de ter levado a frente mais esse projeto, para que mais pessoas possam participar, mais pessoas possam se sentir como eu me senti naquele momento, livre, solto, voltar a ter liberdade.

A irmã do paciente, que estava presente na atividade, também relatou como foi a experiência vivenciada:

Foi uma surpresa muito grande para todos nós. Para mim, para a minha cunhada, para o meu irmão principalmente. Eu jamais esperaria que teríamos esse apoio, porque vai além do trabalho de cuidado assistencial que é feito; abrange todas as áreas realmente. Eu acho que faz muito bem, tanto para os pacientes quanto para os familiares. A gente se sente bem reconfortado e ele também.

As atividades significativas para o indivíduo são compreendidas pela intervenção de Terapia Ocupacional nos Cuidados Paliativos como possibilidades de experiências de potência, promovendo resgate da autoestima, as possibilidades do fazer e do desejo de manter-se ativo (FARIA; DE CARLO, 2015). É de suma importância ressaltar que na fase terminal de vida, o foco do tratamento deve ser mudado, avaliando a possibilidade de manter as atividades que fazem sentido para o paciente, de acordo com o desejo do mesmo.

4. CONCLUSÕES

Através deste trabalho mostra-se a importância de promover a qualidade de vida aos pacientes em fase terminal mediante cuidados paliativos, tirando o foco da doença e proporcionando a realização de atividades que fazem sentido para os pacientes em tais cuidados, valorizando seus desejos e minimizando o impacto do adoecimento e suas consequências.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Cooper J. Occupational therapy in oncology and palliative care. 2nd ed. Chichester: Wiley; 2006.

De Carlo MMRP, Queiroz MEG, organizadores. Dor e cuidados paliativos – terapia ocupacional e interdisciplinaridade. São Paulo: Roca; 2008.

Figueiredo MTA. Reflexões sobre os Cuidados Paliativos no Brasil. Rev Prática Hospitalar 2006;8(47):36-40.

Faria NC, De Carlo MRP. A atuação da terapia ocupacional com mulheres com câncer. Rev Ter Ocup Univ São Paulo. 2015 set.-dez.;26(3):418-27.

Othero MB. O papel do terapeuta ocupacional na equipe. In:Carvalho RT, Parsons HA. Manual de cuidados paliativos – ANCP. 2a ed. ampl. atual. Porto Alegre: Sulina; 2012. p.361-3.

Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia (SBGG). Vamos falar de cuidados paliativos? Brasil, 2015. Disponível em: <<http://sbgg.org.br/wpcontent/uploads/2014/11/vamos-falar-de-cuidados-paliativos-vers--online.pdf>>. Acesso em: 08 set.2019.

Vasconcelos GB., Pereira PM. Cuidados paliativos em atenção domiciliar: uma revisão bibliográfica. Rev. Adm. Saúde - Vol. 18, Nº 70, jan. – mar. 2018.

World Health Organization. National Cancer control Programmes: policies and managerial guidelines world. Geneva. World Health Organization; 2002.

World Health Organization. Strengthening of palliative care as a component of integrated treatment within the continuum of care [internet]. World Health Organization; 2014 [acesso em 2019 set 8]. Disponível em: http://apps.who.int/gb/ebwha/pdf_files/EB134/B134_R7-en.pdf.